

DISPOSITIVO DINÂMICO DE TRÊS POLOS E METODOLOGIA GERAL EM CIÊNCIAS SOCIAIS: DISCUTINDO UMA ANALOGIA

*Three Poles Dynamic Device and General Methodology in
Social Sciences: discussing an analogy*

HOLZ, Edvalter Becker¹

RESUMO

Este artigo discute o Dispositivo Dinâmico de Três Polos – DD3P – utilizado na construção metodológica da abordagem ergológica, traçando um paralelo do mesmo com a Metodologia Geral em Ciências Sociais. Fazendo uma relação de analogia e convergência, compara os polos do DD3P com os polos da Metodologia Geral, averiguando se as funções de ambos são, de algum modo, correlatas e se os fluxos e as exigências internas da Metodologia Geral, cujo conjunto assegura a legitimidade de uma pesquisa nas Ciências Sociais, fazem-se também presentes no dispositivo ergológico. Como resultado, evidencia que as quatro funções exercidas pelos polos da Metodologia Geral encontram-se presentes no dispositivo ergológico, a saber: fornecer pontos de referência para a observação dos fatos; articular o sistema teórico; causar reflexão interna sobre a pesquisa; efetivar a pesquisa como um todo, propiciando-a um caráter de aperfeiçoamento infinito. Conclui que, mesmo em se tratando de uma metodologia peculiar, o DD3P se constitui dentro do rigor e do cuidado metodológicos indispensáveis na prática de pesquisa em Ciências Sociais.

Palavras-chave: Ergologia; Dispositivo Dinâmico de Três Polos; Metodologia Geral.

ABSTRACT

This paper discusses the Three Poles Dynamic Device - DD3P - used in the methodological construction of ergological approach, drawing a parallel between these and the General Methodology in Social Sciences. Making an analogy and convergence relation, it compares the DD3P's poles with the General Methodology's poles, examining whether the polar functions of both are somehow correlated and whether General Methodology's internal flows and requirements, which together ensures the legitimacy of research in Social Sciences, is also present in the ergological device. As result, shows that the four functions performed by General Methodology's poles are present on the ergological device, namely: providing reference points for facts observation; articulate the theoretical system; cause internal reflection about the research; make the research as a whole, giving a character of infinite refinement. It concludes that, even being a peculiar methodology, DD3P constitutes itself within the methodological rigor and care, essentials to research practice in Social Sciences.

Keywords: Ergology; Three Poles Dynamic Device; General Methodology.

¹ Mestrando em Administração, Graduação em Administração, ambos pela UFES; pesquisador do Grupo de Estudos em Trabalho, Ergologia e Gestão (GETERGE). E-mail: <e.becker.holz@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

A construção da abordagem ergológica do trabalho é uma história científica e humana que emerge da colaboração de três pesquisadores – Yves Schwartz, filósofo; Daniel Faïta, linguista; Bernard Vuillon, sociólogo – que, reunidos em 1983-1984 diante do desafio de pensar as mutações então ocorridas no trabalho, fundaram o dispositivo Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho (HENNINGTON; CUNHA; FISCHER, 2011).

Seguindo seu caminho, a Ergologia continua a se constituir no esforço de melhor conhecer o trabalho como atividade humana, propiciando intervenções que preconizam as situações de trabalho como singulares, revelando e buscando compreender a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, ou seja, o modo como os trabalhadores reinventam incessantemente o seu fazer laboral através de renormalizações. Como pesquisa acadêmica, a abordagem ergológica passa a ser “descoberta” pelos pesquisadores brasileiros a partir dos anos 90, provocando um fecundo intercâmbio que incorpora a perspectiva ergológica à prática da pesquisa científica no Brasil (ATHAYDE; BRITO, 2011).

Sobre tal prática, entende-se que deve ser algo como uma atividade cotidiana, uma atitude, um questionamento sistemático e criativo na forma de um diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático (DEMO, 1997). Pode-se dizer ainda que a pesquisa é uma atividade básica das ciências na sua indagação sobre a realidade, uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, uma atividade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993, p.23).

Essa prática, no entanto, não é algo fácil e muitas vezes as dificuldades com as quais os pesquisadores se deparam são ocultadas ou mascaradas, sendo os resultados obtidos falhos ou incoerentes. Tratando-se de pesquisadores qualitativos, se comparados com a tradição de pesquisa numérica, baseada na amostragem, no questionário e na análise estatística, eles encontram pouca clareza e orientação na literatura para seus procedimentos (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002), fato que conduz a dificuldades na prática deste tipo de pesquisa.

No Brasil, outra dificuldade que caracteriza o desenvolvimento do pensamento em atividades de pesquisas e publicações, de acordo com Triviños (1987), é a indisciplina intelectual, entendida como a ausência de coerência entre os suportes teóricos que orientam a prática da pesquisa. Essa falta de disciplina, para o autor, tem sua origem associada à unilateralidade de informação cultural, que sonega uma faixa de ideias e limita o desenvolvimento do espírito crítico, e se manifesta por um ecleticismo obscuro (mistura de correntes de pensamento, citações avulsas fora de contexto, etc.) que hierarquiza e isola conceitos, tornando-os alheios à realidade social.

Além das dificuldades, há ainda os riscos inerentes à prática da pesquisa científica relacionados a poder, limites e abusos. Sobre estes, Castro (2006) salienta que a ciência desfruta de um prestígio jamais igualado e o que é dito “científico” adquire grande força política e exerce impacto sobre temas

sociais, o que envolve questões de doutrina, ideologia, juízos de valor e opções entre diversos objetivos conflitantes.

Uma forma de reduzir tais dificuldades, falhas e perigos comuns é dedicar especial atenção e cuidado na construção metodológica da pesquisa. Tratando-se da utilização de novas abordagens, como a Ergologia, esse cuidado torna-se ainda mais importante, uma vez que cada abordagem tem suas particularidades. Nesse sentido, Bruyne, Herman e Schoutheete (1977, p.27) apontam como objetivo da metodologia o de ajudar a “desimpedir os caminhos da prática concreta de pesquisa dos obstáculos que esta encontra”, sendo a metodologia uma praxiológica. Os mesmos autores reiteram que a ciência não é una e, conseqüentemente, não existe um método científico uno. Reconhecido isso, as metodologias particulares das diversas áreas, para os autores, podem e devem tirar da Metodologia Geral inspirações e procedimentos que só podem enriquecer seu procedimento específico.

Posto isso, este artigo analisa as correlações possíveis entre os polos do Dispositivo Dinâmico utilizado na construção metodológica em pesquisas de abordagem ergológica com os polos da Metodologia Geral em Ciências Sociais, descritos por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977). A utilização dessa obra como ponto-chave dessa analogia se dá por ser ela o marco na discussão da dinâmica de pesquisa em Ciências Sociais e na sistematização de uma Metodologia Geral. Assim sendo, busca-se identificar a função exercida em cada polo de ambas as metodologias para que se possa compreender se elas são, de algum modo, análogas. Assim, é averiguado se a construção metodológica específica e particular da Ergologia possui sua relação de forças internas cujo conjunto lhe assegure sua legitimidade diante da prática de pesquisas em Ciências Sociais. As particularidades de ambos os lados não deixam de ser ressaltadas.

Para tanto, a princípio, faz-se breve recapitulação da Metodologia Geral em Ciências Sociais; em seguida apresenta-se a construção metodológica em Ergologia; adiante são buscadas correlações entre ambos, apontando as semelhanças das funções polares e; tecem-se as considerações finais. Esclarece-se ainda que não faz parte do escopo uma revisão teórica da Ergologia. Indicam-se, no entanto, para pesquisadores em contato inicial com a mesma, textos como os capítulos de Athayde e Brito (2011), Bendassolli e Soboll (2011), Schwartz (2004), Telles e Alvarez (2004) e os artigos de Trinquet (2010) e de Vieira Júnior e Santos (2012), que fornecem uma visão geral e rica ao revisar as bases conceituais da Ergologia.

METODOLOGIA GERAL EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Sobre pesquisa nas Ciências Sociais, é preciso ressaltar que o qualitativo não se mostra pela presença ou ausência do número, mas deriva da consideração holística, dinâmica, interpretativa e contextual do fenômeno estudado, orientada para o estudo dos processos envolvidos, sem a pretensão de excluir a perspectiva subjetiva (MONTERO, 1995). Sobre o processo de elaboração da pesquisa qualitativa, Crotty (1998) sugere que quatro questões devem ser consideradas: 1) *Que perspectiva teórica está por trás das questões?* 2) *Que estratégia ou plano de ação governa a escolha e o*

uso de métodos? 3) Que epistemologia está embutida na perspectiva teórica? 4) Que técnicas e procedimentos serão utilizados?

Atentando-se para esses pontos que envolvem toda a dinâmica do processo da pesquisa, é necessário, antes de tudo, situá-la num “campo epistêmico” (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977), ou seja, em uma condição de integralidade das exigências metodológicas para escapar a explorações que comprometeriam os próprios mecanismos de seu desenvolvimento. Tal recusa em colocar o mundo como objeto, para os autores, garante a autonomia da pesquisa, o que exige a pertinência do empreendimento metodológico. Este irá garantir voltas constantes e interpenetrações recíprocas dos polos teórico, morfológico, epistemológico e técnico, bem como ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas também seu processo.

Desse modo, a prática metodológica constitui-se da interação dialética entre quatro diferentes instâncias que apresentam determinadas exigências internas. Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) assim as classificam: 1) polo teórico: guia a elaboração das hipóteses e a construção de conceitos; 2) polo morfológico: enuncia as regras de estruturação, de formação do objeto científico; 3) polo epistemológico: exerce uma função de vigilância e exigência crítica, encarregando-se de renovar constantemente a ruptura dos objetos científicos com os do senso comum e decide as regras de produção e de explicação dos fatos, da compreensão das teorias; 4) polo técnico: controla todo o processo de coleta de dados, observação e incitação da criação do saber.

É preciso ainda destacar que esse processo de elaboração sofre influências advindas do ambiente societal, discernidas pelos autores em quatro campos: o campo da demanda social (financiamento, cooptação, conservadorismo, moda, nepotismo, dogmatismo); o campo axiológico (valores culturais, interesses do próprio pesquisador, juízos de valor); o campo doxológico (saberes não sistematizados, práticas cotidianas) e o campo epistêmico (o estado das teorias, o estado da reflexão epistemológica, o estado da metodologia e das técnicas de investigação).

Consciente desses campos que interferem na prática da pesquisa, a autonomia da mesma pode ser concebida do ponto de vista metodológico como a articulação dos quatro polos anteriormente mencionados, uma vez que, sendo exercida assim, sua prática é submetida a determinados fluxos e exigências internas cujo conjunto, resultado da existência dos quatro polos, é um campo metodológico que lhe assegura a cientificidade (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977).

Mas como instituir uma relação de forças fecunda da identificação e do entrecruzamento entre a metodologia da abordagem ergológica e a articulação quadripolar da Metodologia Geral das Ciências Sociais? Para averiguar se a metodologia em pesquisas com perspectiva ergológica está também submetida a seus fluxos e exigências internas cujo conjunto assegura sua autonomia e legitimidade, é preciso conhecer o chamado Dispositivo Dinâmico a Três Polos, ou DD3P, que serve de baliza e guia na prática da pesquisa ergológica.

DISPOSITIVO DINÂMICO DE TRÊS POLOS

De modo sucinto, Trinquet (2010, p.95) define o método da abordagem ergológica:

Colocar em diálogo a pluridisciplinaridade dialética dos saberes eruditos e dos saberes de experiência. Ou, dito conforme noções ergológicas: a prática dos processos socráticos em duplo sentido, entre os saberes constituídos e os saberes investidos, organizados no seio de um dispositivo dinâmico de três polos.

Essa construção metodológica sofre influência do conceito de Comunidade Científica Ampliada, termo que expressa o encontro entre os profissionais do conceito e os portadores da experiência do trabalho no contexto das lutas operárias em prol do direito à saúde nos ambientes de trabalho (BRITO; ARANHA, 2011). Para Schwartz (2000), a proposta central dessa construção metodológica é o confronto entre os portadores do conhecimento conceitual e os trabalhadores, portadores do patrimônio vivo das atividades de trabalho. Desse modo, para fazer funcionar um regime de produção de saberes sobre o trabalho e as questões que ele engendra, é necessário convocar conceitos, métodos e técnicas que criem condições propícias ao encontro e diálogo sobre o trabalho entre os vários atores em jogo (BOTECHIA; ATHAYDE, 2007).

Portanto, a filosofia essencial do DD3P consiste no confronto entre os saberes acadêmicos acumulados com os saberes imanentes à atividade.

Nesse sentido, o trabalhador é o elemento central da investigação: “o trabalhador, o produtor, ou melhor, os trabalhadores singulares que compõem o grupo que corresponde a um dado posto de trabalho, ‘territorizado’, isto é, identificado num contexto preciso, enquanto lugar único, que não se pode repetir” (ODDONE, 2007, p.52). Essa perspectiva é de fundamental importância para a construção metodológica, pois ela permite a construção de um saber que é fruto de trabalho cooperativo, uma vez que dispõe de saberes e conceitos, mas também busca reconhecer o saber do outro, na medida em que ele é também permanentemente portador de diferenças recriadoras em sua atividade.

Em outras palavras, o pesquisador deve “estar igualmente disponível para aprender com ele” (SCHWARTZ; DUC; DURRIVÉ, 2010, p.265). De modo conciso, o DD3P possibilita que a aprendizagem formal, que de modo algum pode ser desprezada, seja enriquecida e alimentada de uma aprendizagem informal, relativa ao que os trabalhadores criam e recriam de saberes, valores, cultura, histórias próprias e vivências das quais eles são portadores (SOUZA; BIANCO, 2007). Vale lembrar ainda que o termo “polo” remete a um lugar virtual onde se agregam, sintetizam-se e exprimem-se objetivos, competências, saberes e conhecimentos, interesses, etc., mais ou menos comuns, da realidade coletiva (TRINQUET, 2010).

Dos polos que compõem o DD3P, o **polo I** é o dos conceitos, saberes técnicos e acadêmicos pertinentes ao objeto em estudo, prescrições e explicitações metódicas e críticas. O **polo II** é o das experiências e dos saberes próprios da história em devir, onde estão as forças de “convocação e reconvocação” que remetem ao primeiro polo para que os conhecimentos que ele propõe sejam retrabalhados; são os saberes imanentes às atividades, que apelam e reconvocam os saberes investidos; são “experiências e

saberes próprios da história em devir, em todos os níveis, do infinitesimal ao macroscópico, que elas remetam ao primeiro para que sejam retrabalhados ('re-convocados') os conhecimentos nele propostos" (SCHWARTZ, 2002, p.146).

Da confrontação entre esses dois polos surge o terceiro: acareação dos dois primeiros polos, buscando fazê-lo funcionar em espiral positiva; o retrabalho dos saberes e valores rumo a futuros inantecipáveis (SCHWARTZ, 2001; SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010). O **polo III** exige, então, um vivo desconforto intelectual e social, uma vez que "todo problema consiste em instituir, nesse terceiro polo, essa estranha 'vontade de saber'", o que faz com que tal dispositivo seja também o meio de uma "imprendizagem" no sentido de trajetória de impregnação parcialmente aleatória, e não apenas de aprendizagem fabricada" (SCHWARTZ, 2002, p.146).

Deve-se considerar ainda que: a Ergologia é uma disciplina do pensamento (SCHWARTZ, 2001); o Dispositivo de Três Polos apresentado é dinâmico no sentido em que o triângulo atividades/valores/saberes que transita no eixo dos saberes (estes polarizados entre saberes acadêmicos e saberes imanentes às atividades) não é monopolizável por nenhuma disciplina em particular (SCHWARTZ, 2001); e que "a pluridisciplinaridade é um dispositivo biaxial necessário para dar à cooperação entre disciplinas um estatuto que não seja apenas uma troca heteróclita" (SCHWARTZ, 2001, p.163).

Desse modo, ao se falar de pluridisciplinaridade, é preciso ter consciência que não se trata apenas de "procedimentos capazes de melhorar a capacidade de conectar campos que a organização tradicional dos saberes isola ciosamente", não se trata de constituir um "instrumental conceitual e material complexo" que sirva de *brain storming* para melhorar as *performances*, mas sim de formular sua finalidade e seu bom uso (LYOTARD, 2011, p.94). Em outras palavras, é necessário cuidado epistemológico para não incorrer no "ecleticismo obscuro" acusado por Triviños (1987).

Trata-se, antes, de uma pluridisciplinaridade que produza colaboração e cooperação, uma busca por aproximação entre os saberes, uma vez que cada um tem seu olhar próprio sobre o mundo em sua busca pelo conhecimento. Trata-se, portanto, de colocar em dialética os diversos saberes disponíveis – e não somente de sobrepô-los uns aos outros –, a fim não somente de se ter uma visão mais completa da situação real da atividade de trabalho humano, mas de se descobrir uma outra dimensão: a global (TRINQUET, 2010).

Para qualquer aproximação entre saberes, no entanto, o cuidado epistemológico é indispensável, uma vez que cada área de saber, assim como cada corrente teórico-conceitual, tem suas particularidades e suas implicações epistemológicas, e para convergi-las é imprescindível compreender antes suas divergências.

E, para isso, no DD3P é preciso dispor da instância filosófica, uma vez que "não pode haver trabalho fecundo no espaço saberes/valores/atividades sem a presença eficaz de um polo significativo de exigência filosófica", reforçando que, para que o dispositivo seja fecundo e eficaz, "a polaridade filosófica deve, como as outras disciplinas, não se subtrair ao profissionalismo que lhe

serve de referência” (SCHWARTZ, 2001, p.166, 168). Em outros termos, trata-se de a filosofia pedir satisfações e exigir que se justifique o uso de um patrimônio que ela pode julgar mal utilizado.

CORRELAÇÕES ENTRE O DD3P E A METODOLOGIA GERAL

Apresentado o dispositivo metodológico proposto pela Ergologia, é possível verificar suas compatibilidades com a Metodologia Geral, entendida aqui como necessária nas pesquisas sociais. Assim, retomando então a questão anteriormente posta – *Como instituir uma relação de forças fecunda da identificação e do entrecruzamento entre a metodologia da abordagem ergológica e a articulação quadripolar da Metodologia Geral das Ciências Sociais?* –, podemos averiguar se a metodologia em pesquisas com perspectiva ergológica está também submetida a seus fluxos e exigências internas cujo conjunto assegura sua autonomia e legitimidade, identificando as funções dos polos que constituem o DD3P e remetendo-as às funções dos polos da Metodologia Geral explanada por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), averiguando suas semelhanças e investigando se os polos daquele cumprem as funções essenciais dos polos desta. Faz-se isso não perdendo de vista as particularidades de ambos os lados. Esse exercício traz ainda como contribuição o fato de esclarecer detalhadamente o DD3P, pois, conforme salientam Bauer, Gaskell e Allum (2002), a fim de reforçar a autonomia e a credibilidade da pesquisa qualitativa, necessitamos de procedimentos e padrões claros para identificar uma “boa prática” e uma “prática ruim”.

POLO DOS SABERES E POLO TEÓRICO

Para Castro (2006), na prática científica, “teoria” não é um termo reservado para formulações complexas, inacessíveis ou matemáticas. Pelo contrário, refere-se a princípios de organização, caracterização e discriminação dos dados ou eventos a serem coletados ou examinados.

No DD3P é o polo I, ou seja, o polo dos “saberes disponíveis”, ou das “disciplinas” como, por exemplo, Ergonomia, Economia, Ciências da Linguagem, Sociologia, Direito etc., que comporta essa função, permitindo de certo modo “antecipar situações da vida e da atividade” (SCHWARTZ, 2001, p.163), visto que os saberes que o compõem são saberes “relativamente codificados, estocados, acadêmicos (na melhor acepção do termo)” e que antecipam a tendência ao entendimento das situações reais (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010, p.264). Os autores ressaltam que essas disciplinas, nesse polo, não são fechadas, mas possuem relação umas com as outras, trabalhando umas através das outras, rompendo as divisões.

O polo do DD3P assemelha-se ao **polo teórico** da Metodologia Geral, descrito por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) como tendo objetivo de: prever e fornecer pontos de referência para a observação dos fatos novos, ser instrumento de ruptura epistemológica face a prenoções, estabelecer um corpo de enunciados que assegure um caráter de fecundidade, auxiliar na captura do que se chama “o mundo”, para raciociná-lo e explicá-lo.

Vemos que o caráter predominante e que torna possível fazer essa analogia entre polos mencionados por ambos os autores é a função de auxiliar a

prever o que se encontrará empiricamente, auxiliar na leitura que se fará do objeto, funcionando como uma espécie de lente sem a qual qualquer observação empírica não teria coerência, não poderia ser conhecida, nem organizada e nem explicada.

POLO DOS SABERES INVESTIDOS NA ATIVIDADE E POLO MORFOLÓGICO

Castro (2006, p.21) lembra que “na ciência, não há fato sem teoria nem teoria sem fato”. Assim, um polo teórico não poderia existir sem um polo dos “fatos”, para onde o aporte conceitual fosse convocado, levado à prova, para validação ou reformulação.

Na pesquisa ergológica, é no polo II do DD3P, aquele em que se encontram os saberes produzidos pelos trabalhadores em sua atividade, que se dá tal confronto. É o polo das “forças de convocação/validação e dos saberes investidos”, também chamadas de “saberes investidos na atividade”, sendo que “o regime de produção de saberes acerca da vida social, da atividade, da história supõe uma cooperação *entre* as ‘competências disciplinares’ disponíveis e o que chamamos de forças de convocação e validação” (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010, p.266, grifos do autor). Assim, as disciplinas são convocadas, pois se tem necessidade das mesmas para transformar o mundo e, ao mesmo tempo, são testadas, uma vez que são remetidas a situações de atividade que as validarão ou as interpelarão.

Para os autores, os saberes investidos na atividade são um modo de evocar aquilo que extravasa os saberes formalizados que as enquadram e pretendem antecipá-la – o que é tanto legítimo quanto abusivo. Neste polo, “as atividades são ‘cadinhos’ da organização dos saberes sobre seus apelos aos saberes formalmente organizados” (SCHWARTZ, 2001, p.161), elas são enigmas a penetrar, sendo este polo o “da demanda, do sentimento dos limites ou das derivações possíveis das ligações atividades/valores e dos saberes imersos no histórico e por outro lado o da colocação à prova das análises e diagnósticos teóricos” (SCHWARTZ, 2001, p.162).

Pode-se dizer, então, que o polo dos saberes investidos do DD3P exerce função semelhante à do **polo morfológico** apresentado por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), a saber, ser o lugar de objetivação da problemática formulada no polo teórico. O polo morfológico “representa o plano de organização dos fenômenos, os modos de articulação da expressão teórica objetivada da problemática da pesquisa”; ele é “o quadro operatório, prático, da representação, da elaboração, da estruturação dos objetos científicos”; ele pode ser visto e entendido tal qual “um desdobramento, uma distribuição espacial, de teses ou de acontecimentos, de conceitos ou de proposições, de fatos ou leis, [...] o lugar da articulação do sentido, da estruturação das teorias e das problemáticas úteis à pesquisa” (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p.159, 160).

Para os autores referidos, a função metodológica do polo morfológico é a de fornecer uma configuração, um arquitetônica, uma exposição, uma rede para objetivar a problemática da pesquisa e articular seu sistema teórico, assim como as forças de convocação dos saberes acadêmicos a um real da atividade para que sejam validados ou interpelados. Atua ainda, de acordo com Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), acolhendo a construção de

“modelos” teóricos que se referem a modelos materiais que descrevem o estado das coisas, propiciando as conexões entre teses e acontecimentos numa configuração operatória, remetendo a uma teoria, a um sentido, o que cumpre papel similar ao do polo II do DD3P, em que os saberes próprios aos da atividade em devir acolhem os saberes das disciplinas acadêmicas para retrabalhá-las num confronto com o real, reafirmando-os ou reconfigurando-os.

Simplificando, temos que em ambos os polos situa-se o “real”, aquilo a que se vai buscar no mundo com fins de produção de conhecimento, sendo a sua função comum, portanto, a de fornecer um “aqui-agora” que tem sua parte inantecipável, com a qual o pesquisador vai confrontar seu conhecimento conceitual e associar sua tentativa de compreender, conhecer, elaborar e reelaborar aquilo que busca apreender do mundo.

POLO DA EXIGÊNCIA FILOSÓFICA E POLO EPISTEMOLÓGICO

Montero (1995) chama de “reflexividade” a forma pela qual, na pesquisa qualitativa, se trata a relação entre objetividade e subjetividade, o que envolve a explicitação do ponto de vista assumido e também a explicitação dos significados introduzidos por ele ao investigador e pelos participantes na investigação, e ainda o dar conta das mudanças induzidas nos investigadores, investigados e na situação pelo próprio processo de investigar. Esse conceito torna-se chave para compreender a função central exercida pelos dois polos descritos a seguir.

O polo III do DD3P, de mais difícil definição, mas indispensável, é o que dá suporte à cooperação fecunda dos outros dois, é onde se dá o desconforto intelectual, ético, social. Chamado por Schwartz (2001, p.164) de “exigência filosófica”, esse polo é que provocará a interfecundação dos saberes. Durrive (2011, p.55) explica que o termo “polo” significa que há tendências, não recortes nítidos, e que o diálogo entre os dois primeiros polos não é evidente: “o polo 1, apoiado no prestígio do conceito científico, pode se contentar construindo saberes sob a forma de modelizações neutralizantes e continuar a ignorar o retrabalho desses saberes na atividade”; já o polo II, por sua vez, “considerado nas urgências da ação, não tem necessariamente a disponibilidade para a formalização”. Assim, o referido autor mostra que a abordagem ergológica preconiza o terceiro polo, capaz de provocar a interfecundação dos saberes. Trata-se de uma postura específica a sustentar de ordem epistemológica e ética. Trata-se de estar disponível para redesenhar sua parte de ignorância sempre renovada, sem perder a ambição de saber (SCHWARTZ, 2002).

O polo III provoca então o encontro dos polos I e II e do encontro de ambos promove rumos inantecipáveis: “tudo aquilo que pode ser gerado de tais matrizes, em particular, a visibilidade das renormalizações; a tomada de consciência provocada pela colocação em palavras”; e ainda “o exercício formador que consiste em retorcer e retrabalhar conceitos; [...] a renovação dos saberes formais e disciplinares; a transformação dos meios de vida...” (DURRIVE, 2011, p.56).

Assim, trata-se de retrabalhar as generalizações desses saberes disciplinares apreendidos, uma vez que são remetidos ao real da atividade, que nunca

pode ser completamente prevista. Portanto, o polo III do DD3P atua fazendo com que, na confrontação entre a teoria e aquilo que se encontra na prática, ocorra a validação e/ou o retrabalho dos saberes teóricos e acadêmicos.

Por sua vez, o polo epistemológico (como um polo intrínseco à pesquisa), descrito por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977, p.41), cumpre papel de uma epistemologia

[...] que não seja fixista, que não pretenda reger as ciências a partir de fora, mas uma epistemologia ligada à própria produção da ciência, feita pelos próprios pesquisadores em suas disciplinas respectivas, que seja sempre uma aproximação das epistemologias das outras disciplinas específicas.

Ou seja, trata-se da “epistemologia como reflexão, vigilância interna da ciência sobre seus procedimentos e seus resultados, é a única que respeitará o caráter constantemente aberto das ciências sem lhes impor dogmaticamente exigências ilusórias de fechamento” (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p.41).

Essa reflexão epistemológica, ou esse polo epistemológico, para os referidos autores, cumpre função de examinar as relações que as ciências estabelecem entre as teorias e os fatos, é a reflexão dos próprios pesquisadores sobre seus instrumentos de conhecimento com vistas a superar revendo a pertinência dos conceitos, das teorias e dos métodos diante de suas investigações.

Fica perceptível a semelhança das funções cumpridas pelo polo da exigência filosófica do DD3P e o polo epistemológico da Metodologia Geral, pois os autores aqui convergidos consideram os polos, cada qual aquele de que trata, como um motor interno, de algum modo obrigatório na investigação do pesquisador, fazendo com que este se torne, de fato, filósofo diante dos problemas que encontra em suas abordagens.

Para os autores, é de seu caráter não sistemático que esses polos tiram sua fecundidade e, por meio da reflexão, fazem enriquecer a colaboração das disciplinas entre si, pela troca interdisciplinar das reflexões epistemológicas internas. Eles mostram ainda que esses polos se situam em uma lógica de descoberta, apreendendo a ciência como um processo e não como um produto, sendo a reflexão epistemológica o motor que faz progredir o conhecimento dos objetos que investigam.

NÚCLEO DOS PROCESSOS SOCRÁTICOS E POLO TÉCNICO

Além dos três polos apresentados, o DD3P contém ainda outro espaço, que não é um polo, mas sim o núcleo da espiral em progressão, para onde confluem os três polos já descritos. Têm-se, de um lado, os saberes e valores constituídos nos universos científicos; de outro, saberes e valores processados e reprocessados na atividade. Tem-se ainda o polo da exigência filosófica, que promove a acareação entre ambos, fazendo-os funcionar em espiral positiva. É no centro desta que se encontra o “socratismo em duplo sentido”, como o núcleo de um redemoinho.

Assim, esse processo denominado “socratismo com duplo sentido”, para Schwartz (2001, p.163), ocorre quando, sob o olhar filosófico, há o confronto entre os saberes acadêmicos organizados e os saberes investidos na

atividade. Na pesquisa social, pode-se dizer que o que vai possibilitar tal confronto é a prática, entendida aqui ela também como uma atividade ergológica. Mais especificamente, para que isso ocorra, é necessário que ocorram os procedimentos da pesquisa, a coleta dos dados, as transformações das informações em dados, a circunscrição dos fatos em sistemas significantes pelo confronto com a teoria, o que se dá no polo técnico descrito por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977).

Entretanto, é preciso esclarecer que não se trata aqui de reduzir os processos socráticos de duplo sentido à prática técnica da pesquisa, mas sim de conciliar a possibilidade de sua existência a tal prática, sem a qual a pesquisa e também os processos socráticos ficam impedidos de se realizar. Pode-se, então, tomar a existência dos processos socráticos como indicativo de que o polo técnico está presente, o que permite fazer esta aproximação.

Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), a pesquisa, em seu polo técnico, coletará os dados em função dos quais elaborará seus fatos; é ele o momento da observação, do relatório dos fatos que serão interpretados e explicados no polo teórico, sob vigilância reflexiva do polo epistemológico. Para ele confluem, portanto: a) o polo teórico, visto que a “evidência” empírica não pode ser separada da “pertinência” teórica, pois o fato é correlato da ideia (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p.204); b) o polo epistemológico, com sua vigilância constante; c) o polo morfológico, uma vez que ele é o espaço para confrontação. Assim tem-se que o polo técnico, sob este ponto de vista, é semelhante ao núcleo dos processos socráticos do DD3P, sendo a função de ambos similar no fato de propiciar e incitar ao pesquisador visar suas descobertas de modo tanto prospectivo quanto reflexivo e propiciar à pesquisa um caráter infinito de observação e completudeza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que o DD3P, dispositivo metodológico basal em pesquisas ergológicas, cumpre as exigências internas da Metodologia Geral em Ciências Sociais, pois os polos daquele cumprem funções análogas às exercidas por esta.

É notável ressaltar ainda que a Ergologia pretende-se uma maneira de analisar a atividade, uma postura intelectual, uma forma de melhor conhecer e intervir sobre a atividade humana, em especial a do trabalho. Entretanto, é preciso ter em mente que ela busca antes conhecer, para depois melhor poder intervir, uma vez que cada situação de trabalho é singular.

Na busca desse conhecimento, o Dispositivo Dinâmico de Três Polos é elemento capital para a produção de um saber que não mascare a realidade das vivências dos trabalhadores, um saber que não seja instrumental e destinado a manipular e alinhar o dito “fator humano” a questões previamente colocadas, a objetivos estabelecidos nem a metas desejadas, uma vez que ele busca exatamente revelar aquilo que ocorre nos coletivos de trabalho, aquilo que é inantecipável e irredutível a prescrições. Esse dispositivo metodológico atende às exigências da Metodologia Geral das Ciências Sociais e, resguardadas as particularidades, pode ser utilizado proveitosamente em pesquisas das diversas áreas de saber. Considerando,

nesse sentido, o fomento à pluridisciplinaridade – ponto de destaque na Ergologia –, este artigo propõe-se a incentivar a aproximação dos Estudos Organizacionais brasileiros com a Ergologia, uma vez que a utilização desta por pesquisadores daquele campo de saber ainda é incipiente no Brasil, não obstante ser indubitavelmente frutífera. Os pontos aqui apresentados podem servir de passo inicial para compreensão desta metodologia por novos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: _____ (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BOTECHIA, Fabíola Ribeiro; ATHAYDE, Milton. Um regime de produção de saberes sobre o trabalhar e suas relações: a comunidade ampliada de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 14., 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_33.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2012.
- BRITO, José Eustáquio; ARANHA, Antônia Vitória Soares. A construção metodológica na pesquisa sobre atividade de trabalho a partir da abordagem ergológica. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.20, n.1, p.85-101, jan.-abr.2011.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais: os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CASTRO, Cláudio de Moura. O poder, os limites e os abusos da ciência. In: _____. **A prática da pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006, p.1-29.
- CROTTY, Michael. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process**. Londres: Sage, 1998.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Scharz. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.9, supl.1, p.47-67, 2011.
- HENNINGTON, Élda Azevedo; CUNHA, Daisy Moreira; FISCHER, Maria Clara Bueno. Trabalho, educação, saúde e outros possíveis: diálogos na perspectiva ergológica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.9, supl.1, p.5-18, 2011.
- LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 14.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MONTERO, Maritza. El sentido y la medida: Reflexiones sobre el método. **Revista Comportamiento**, v.4, n.1, p.65-81, 1995.
- ODDONE, Ivar. Experiência. **Laboreal**, v.3, n.1, p.52-53, 2007.
- SCHWARTZ, Yves . A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n.7, p.38-46, jul.-dez., 2000.

_____. Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In: DANIELLOU, François (Coord.). **A Ergonomia em busca dos seus princípios: debates epistemológicos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2001. p.141-180.

_____. Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica – paideia e politeia. **Pro-Posições**, (Unicamp), v.13, n.1, p.126-149, jan.-abr. 2002.

_____. Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. In: FIGUEIREDO, Marcelo *et al.* (Org.). **Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.23-36.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. O homem, o mercado e a cidade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Org.). **Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana**. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2010. Cap. 9, p.248-273.

SOUZA, E. M. de; BIANCO, M. F. A Ergologia – uma alternativa analítica para os Estudos do Trabalho. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGÍA DEL TABAJÓ, 5., 2007, Montevideo. **Anais...** Montevideo: ALAST, 2007.

TELLES, A. L.; ALVAREZ, D. Interfaces Ergonomia-Ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGUEIREDO, Marcelo *et al.* (Org.). **Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.63-90.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p.93-113, ago. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Roberto; SANTOS, Eloisa Helena. A gênese da perspectiva ergológica: cenário de construção e conceitos derivados. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.83-100, jan.-abr. 2012.

Data da submissão: 02/12/2012
Data da aprovação: 19/02/2013